

## Editorial

# Estaremos realmente em Paz?

Fez ontem 19 anos que terminou a Guerra Civil em Moçambique, mas temos dúvidas se é sensato dizer-se que Moçambique celebrou ontem 19 anos de Paz.

O 04 de Outubro está consagrado como o 'Dia da Paz' porque foi a 04 de Outubro de 1992 que se assinou em Roma o acordo que permitiu que terminassem as hostilidades e a violência armada generalizada entre moçambicanos com pensamento diferente. É realmente o dia do Acordo Geral de Paz firmado na capital italiana. Duvidamos, no entanto, que por este andar, se possa dizer que estamos em Paz e até mesmo que algo realmente perturbador da ordem pública não nos surpreenda como já muita gente foi surpreendida com o 5 de Fevereiro de 2008 e o 1 e 2 de Setembro de 2010.

Estão ao rubro, embora não se queira falar disso, as fricções entre classes sociais e há quem pretenda assegurar que uma organização que se 'esclerosou' no Poder continue a ser o lar de todas as sensibilidades que se tornaram antagónicas quando uns enriqueceram e a outros lhes resta continuarem a iludir-se e a pensarem que algum dia o futuro lhes sorrirá pelo simples facto de terem sido antigos combatentes.

Muitos começam agora a compreender que água e óleo não se misturam.

Nem sequer há Paz entre os ex-beligerantes. A vontade de se voltarem a guerrear é sentida a cada passo. Sente-se! Está latente! Os discursos de uns e as acções matreiras de outros são provas inequívocas de que a reconciliação está por se fazer.

Os dois pesos que a administração do Estado usa consoante as fidelidades dos cidadãos ao partido no Poder e a forma como a administração da Justiça, e as mais altas magistraturas do Ministério Público e dos tribunais se comportam e julgam os que não são do 'clube' dos que insistem em considerarem-se donos do País, continua a levar os cidadãos comuns a acreditarem que a violência será a única forma de fazer com que as coisas mudem.

Se nada se fizer com a máxima urgência, o verdadeiro "Dia D" acabará por chegar para nossa (D)esgraça... e de nada nos terá valido mais um dia feriado de reflexão e de exortação à PAZ que se celebrou esta terça-feira.

A 'esperteza saloia' de senhores que estão em determinados cargos públicos ajuda a agravar ainda mais o estado de espírito propenso a que de um momento para o outro 'o copo se entorne' e volte a haver de novo sangue a regar o solo moçambicano.

As assimetrias regionais que continuam a prevalecer tornam-se um óptimo combustível para ajudar a pradaria a arder com maior intensidade.

Onde mais se produz, onde estão os grandes projectos, é precisamente onde a população tem níveis de vida piores. E nesses locais as elites nem são chamadas nem achadas. E não se vêem acções de quem está hoje no Poder, que permitam vislumbrar-se que há preocupação de assegurar o acesso às oportunidades aos que pensavam que agora, com o advento de projectos em zonas antes ostracizadas, fosse a sua vez.

As elites residentes fora de Maputo, não são consideradas elites, a não ser que se verguem e se subjuguem a alguém do Poder central que mistura poder de Estado com os seus negócios pessoais.

Quem trabalha continua a ser quem vive com mais dificuldades.

Quem está mais distante da capital do País continua a ser forçado a depender de Maputo para tudo.

Os que roubam descaradamente – e todos vemos quem são pelo nível de vida desproporcional que se conhece neles, relativamente ao que fazem – a justiça – chamemos-lhe assim – ao mais alto nível de recurso, corre a desagrar-lhes as penas de primeira instância. Ou nem sequer chegam a ser processados. Os 'pilha-galinhas', esses ficam anos a congelar nas celas,

muitas vezes sem serem julgados. E, em numerosos casos, até há presos sem processo sequer. De todos os cantos do País nos continuam a chegar notícias disso.

A forma como o País está a ser gerido por uma elite instalada em Maputo e que faz do resto do País a sua área de turismo de negócios, continua a fazer fermentar nas outras elites do resto do País um perigoso sentimento de revolta.

Também neste particular se necessita urgentemente de uma terapia adequada que passa, indispensavelmente, por se proporcionar a essas elites oportunidades que agora lhes continuam a negar.

A elite acantonada na capital, não terá ainda percebido que com o seu comportamento, faz com que, hoje, pelo País acima, muitas pessoas de elites locais chamem, ironicamente, a Maputo, a "capital das colónias".

Pensa-se, como sempre, que ao nível da "Nação" – Maputo – quem a Frelimo elegeu como líderes provinciais [era o caso do recém falecido "herói" da Zambézia – o eterno porta-voz daquela província junto do poder central] é bastante, em cada uma das suas respectivas províncias, para que os demais cidadãos desses muitos cantinhos do País se admitam subjulgados e se rendam sem questionar o regabofe a que os sujeitam quem não gravita nos salões em que se pavoneiam os novos ricos.

Mesmo no seio da Frelimo se sabe haver hoje quem se indigne com o constante e diário vaivém de figuras da capital, às províncias, para resolver problemas que com uma outra visão da administração pública poder-se-ia evitar.

Espírito semelhante fazia desenvolverem-se sentimentos irreverentes nos que antes da independência viam Lisboa como a cidade dos que impediam, outras partes do então dito 'Portugal Uno e Indivisível', de se desenvolver. Era assim por razões óbvias, mas hoje volta a ser assim, lamentavelmente, porque com a sua visão estreita alguns não percebem que estão a minar a unidade nacional com as suas ambições e ganância exercida a partir da capital do País sem se dar oportunidade a quem não vem procurar a sua sorte aos salões de Maputo.

Inhambane continua a ser uma das províncias mais empobrecidas do País apesar de ter em exploração o gás de Temane e Pande e um bem sucedido mercado turístico de lazer.

Tete continua a ser um deserto apesar de só se falar do seu potencial carbonífero e hidroeléctrico.

Cabo Delgado tem tudo o que um território precisa para que quem nele habita seja próspero, mas é o que se vê.

Em Nacala, particularmente, mas também por toda a província de Nam-pula, a miséria não nos deixa compreender como é que quem tem tantos recursos tem de estar condenado a viver daquela forma.

Em Manica, Sofala, Niassa, Gaza, província de Maputo e Maputo-cidade, tirando uns quantos privilegiados, a miséria também é confrangedora.

Será mesmo que 19 anos de Paz só deram para que alguns se tornassem incomensuravelmente ricos e outros, muitos, continuem a não ter sequer um pão para enganar o estômago?

Será possível o País poder dizer que vive em Paz com este barril de pólvora à vista de quem só não vê porque não quer?

Para haver Paz é preciso construí-la! É preciso alimentar esse sentimento com acções e não apenas com palavras.

Esperamos que ao celebrarmos os 20 anos de Paz pelo menos a atitude já tenha mudado. Haja ao menos vergonha de se falar tanto em "auto-estima" quando no meio desta miséria só se pode imaginar que esteja raiva em processo de fermentação acelerado. (Canal de Moçambique)